

O ESPAÇO URBANO NA CRÔNICA “VIADUTOS” DE DRUMMOND¹

Leíza Maria ROSA²

Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão
leiza.rosa@hotmail.com

Resumo: A intenção deste estudo é relatar como o espaço urbano apresenta-se de forma problemática na crônica *Viadutos*, de Carlos Drummond de Andrade. Trata-se de uma topoanálise, termo proposto por Gaston Bachelard, mas aqui discutido de acordo com as considerações de Borges Filho (2007). Para tal análise se fez necessário dialogar com os dois autores acima citados, dentre outros, como Clark (1973) e Lins (1976), apontando no texto questões como as funções do espaço, os microespaços, politopia, topopatia, dentre outras. É a partir do cenário que se tece a crítica do texto, é através das indicações do espaço pelos personagens, em um diálogo coloquial, que aparecem os efeitos de sentido que o texto pretende atingir, prevalecendo a ironia.

Palavras-chave: espaço; viadutos; cenário; crônica; Drummond.

1. Para começo de conversa

A cidade é o cenário da crônica, o cotidiano seu *corpus*. Carlos Drummond de Andrade soube disso e tratou de exercer o ofício de cronista muito bem, sem deixar de ser poeta ao escrever prosa, através de sua escrita narrativa subjetiva. Perpassar pelo grande arsenal de textos em prosa de Drummond leva tempo, pois o conjunto é vasto e riquíssimo. Como a intenção aqui proposta é estudar o espaço, limitamos a ler um texto em que este aparece tanto que se fez título, *Viadutos*. Este texto, como tantos outros, foi publicado no Caderno B do Jornal do Brasil, impresso em que Drummond exerceu o ofício de cronista e jornalista entre 1969 e 1984; mais tarde, tal crônica veio a integrar o conjunto de textos reunidos no livro *De notícias e não notícias faz-se a crônica*, de 1975.

O espaço urbano no texto *Viadutos* é utilizado para evidenciar as contradições da existência humana; nossa proposta é então praticar a topoanálise, termo proposto por Gaston Bachelard no livro “A poética do espaço” e aqui discutido de acordo com as considerações de Borges Filho (2007). Para esse autor, a topoanálise “é a investigação do espaço em toda a sua riqueza, em toda a sua dinamicidade na obra literária” (BORGES FILHO, 2007, p. 33). Mesmo tomando como ponto de partida tal afirmação, sabemos que toda análise literária é sempre menor que a obra, não se esgota de todo, visto que outros analistas podem sempre acrescentar novos enunciados às análises já feitas.

O texto literário analisado tece uma crítica social sobre a condição econômica de uma parcela da população urbana que sobrevive nas ruas, dormindo embaixo de viadutos e fazendo desses locais suas casas. É todo composto de um diálogo entre dois moradores de rua do Rio de Janeiro. Eles discutem a organização dos viadutos por parte dos ocupantes desse espaço, uma ironia representada através da linguagem dos personagens ao fato de que, morar num

¹ Artigo completo desenvolvido a partir de resumo expandido publicado no caderno de resumos da II JOPELIT – Jornada Poéticas do Espaço Literário, realizada na Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão.

² Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão.

viaduto passou a ser uma situação tão comum nas grandes cidades, que esses locais são tratados como propriedades privadas de quem ali vive.

A ironia é o recurso de linguagem que perpassa todo o texto e faz dele brilhante. Aliás, “o que o cronista deseja é exatamente provocar o riso irônico através do qual expressamos a nossa indignação diante da arbitrariedade que não respeita os mais simples objetos” (SÁ, 1985, p. 41-42). Se a intenção de Drummond era provocar o riso, tal objetivo foi alcançado, pois não há como negar o problema perceptível que nos é apresentado e, da maneira como é descrito, faz com que o leitor ria dele, mas um riso de indignação, ao saber que existe uma situação absurda apresentada como natural e que é similar ao real, porém adaptado pelo escritor que o transforma em ficção, devido ao caráter de universalidade contido no significado da convivência humana.

Vale ressaltar que o espaço tem tanta importância no texto a ponto de tornar-se o assunto de toda a discussão, a começar pelo título, essa transformação do espaço é uma operação inquestionavelmente literária, muito comum em toda a tradição regionalista brasileira ao longo do século XX.

Outro ponto importante a destacar é que o espaço onde os personagens se encontram, ou seja, o ponto de onde parte a ação, chamado por Borges Filho (2007) de espaço da narração, é citado apenas uma vez, somente no final do diálogo e conseqüentemente da crônica: “Diga ao Vai-por-Mim que apareça **aqui no São Sebastião**³, para batermos um papo” (ANDRADE, 1975. p. 20). Através do advérbio “aqui” a narração nos indica de onde os personagens estão falando. Por este fato, tomaremos como espaço neste estudo, os locais citados pelos personagens ao longo da conversa, ou seja, os espaços da narrativa, que engloba também o espaço da narração citado no trecho acima.

2. Conceitos e funções do espaço

O texto *Viadutos*, segundo os estudos de Borges Filho (2007) apresenta microespaços, ou seja, locais menores e não de grande proporção, já que se trata de viadutos, locais presentes num espaço maior que é a cidade. Além disso, estes locais menores estão contidos no cenário urbano, ou seja, locais que sofreram intervenção do homem. “Geralmente, são os espaços onde o ser humano vive. Através de sua cultura, o homem modifica o espaço e o constrói a sua imagem e semelhança” (BORGES FILHO, 2007.p. 47). No decorrer de toda a crônica é possível se deparar com cenários, sejam eles macro, como a cidade, ou micro, como o viaduto. Ainda segundo Borges Filho (2007), no texto de Drummond o espaço é também politópico, pois se trata de vários viadutos e não apenas um, conseqüentemente os personagens são politópicos.

“Endereço do colega? Viaduto São Sebastião, pilastra n.º 4, lado esquerdo, na Presidente Vargas. Apareça por lá” (ANDRADE, 1975. p. 19). Este é o início do diálogo na crônica. Aqui o viaduto tem nome e endereço, é singular, já o título do texto está no plural, *Viadutos*, com isso, universaliza um espaço que no texto particulariza-se apenas como figuração, para aproximar o leitor do fenômeno investigado pela lupa do poeta. Vale ressaltar aqui que, a despeito do viaduto ter um nome, pode ser qualquer um.

Nota-se que o “colega” ao qual o personagem se refere tem como endereço a pilastra de um determinado viaduto, este refere-se ao local como uma moradia digna, um lar, uma casa. Mas o viaduto é lugar de ninguém, é a rua, o abandono, o desprezo. O estranhamento

³ Grifo nosso.

aqui se dá, sobretudo, pela ironia, pois os viadutos têm a função de ligar dois pontos, mas sociológica ou ironicamente aparece aqui como espaço que marca justamente o contrário, ou seja, a separação. Isto é, de espaços de união entre dois pontos transformam-se em espaços de separação, segregação, isolamento, abrigando aqueles que ficam à margem, isolados da sociedade. Mas neste caso ainda, o viaduto é também espaço de acolhimento, o que seria daquelas pessoas se não tivessem viadutos para morar e se proteger? Enfim, de um lugar que recebe carros velozes diariamente, passa a ser moradia de pessoas. Eis o olhar do cronista-poeta.

Nota-se que o espaço citado no início da conversa é realista, o viaduto se localiza na cidade do Rio de Janeiro e se tornou uma casa de moradores de rua, fica ao lado do Sambódromo, na Cidade Nova, um bairro no Centro do Rio; a Avenida Presidente Vargas é uma das principais na região. A presença do espaço realista no texto pode ser uma tentativa de demonstrar que o problema urbano exposto também é real, a questão de moradores de rua vivendo sob viadutos e, estes superlotados. Inclusive, o recurso de coordenada espacial logo no início do texto, quando o personagem diz morar na pilastra nº 4, pode servir para demonstrar a superpopulação no viaduto, sendo necessário ao morador especificar o “endereço” para ser de mais fácil localização.

A referência ao lado esquerdo no endereço do personagem também não deve ser aleatória. De acordo com Borges Filho (2007), ao citar Clark (1973), a predominância pelo lado direito existe na cultura ocidental, a direita representa ideologicamente o lado correto, que predomina, o do capitalismo; ao lado esquerdo cabe conotações como o lado do mal, o errado, por isso menos valorizado e, por que não marginal. O que diz respeito também aos personagens do texto, moradores de rua são pessoas que vivem à margem da sociedade política e economicamente correta.

O próprio Drummond iniciou seu *Poema de sete faces* fazendo alusão ao viés negativo do lado esquerdo: “Quando nasci, um anjo torto/desses que vivem na sombra/disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida” (ANDRADE, 1978. p. 3). *Gauche* é uma palavra francesa que significa esquerdo(a). Ou seja, o anjo era torto, vivia na sombra, à margem de alguém, só podia incitar o protegido a ser alguém de esquerda, inferior, meio torto também.

Ao citar o endereço, o personagem da crônica localiza minuciosamente o lugar que ocupa, enfatizando, assim, a situação ruim em que se encontra, ou seja, mora na rua, debaixo de um viaduto, sem nenhuma proteção e do lado que lhe coube ocupar e não escolher. Há aqui a coordenada espacial da lateralidade, como propõe Borges Filho (2007).

Além disso, morar sob um viaduto por si só já representa inferioridade, ao passo que é um local baixo, abaixo do nível da rua, em que estão as casas, ou seja, os moradores que estão embaixo dos viadutos estão sendo “pisados” pelos outros que não moram, que estão em casas e edifícios no nível das ruas e calçadas, mais altos, superiores. “(...) o que se encontra acima e em nossa frente é visível, portanto avaliável. Por outro lado, o que está abaixo do solo ou atrás é invisível e, portanto, negativo” (BORGES FILHO, 2007, p. 59). Aliás, quem pode negar que esses moradores, desses locais invisíveis, também não se tornam invisíveis aos olhos da sociedade?

Dentre as várias funções do espaço na narrativa, propostas por Borges Filho (2007), no texto analisado é possível identificar algumas. Por exemplo, no início do diálogo já citado e também no trecho abaixo, o espaço tem função de caracterizar os personagens situando-os no contexto sócio-econômico e psicológico em que vivem.

- Ótimo. Vou aparecer, mas agora não. Estou de mudança.
- Se não for indiscrição, pode-se saber para onde?

– Não sei ainda. Moro no viaduto de Japeri, aliás muito confortável, mas compreende, né? Um pouco longe. Procuo um na cidade (ANDRADE, 1975, p. 19).

A indicação de morar num viaduto já representa personagens de classe econômica baixa, que não têm uma casa decente para morar, de pouco grau de instrução, alheias aos acontecimentos do mundo e expostas aos desafios e perigos de viver nas ruas. Além disso, nesses dois trechos e em alguns outros na crônica, o espaço tem função de situar geograficamente os personagens; sabemos que os mesmos se encontram em espaços realistas, na cidade do Rio de Janeiro.

O viaduto de Japeri também é um espaço real, Japeri é um município na região metropolitana do Rio de Janeiro, aqui tratado como um local afastado do Centro da cidade. Comprova-se, assim, a tese de que o personagem quer uma moradia mais centralizada e não em locais afastados da região metropolitana. Esta é a coordenada espacial da centralidade, que segundo Borges Filho (2007) representa uma divisão entre centro e periferia, quando o personagem manifesta o desejo de se deslocar para a metrópole. Observa-se ainda a coordenada espacial da prospectividade, quando o personagem afirma que o local onde mora é longe (do centro metropolitano), procura um mais próximo, ou seja, a polaridade perto versus longe.

Mais adiante no texto, um personagem pergunta ao outro se este já experimentou morar em Botafogo. Novamente presença de um espaço real. Botafogo é um bairro nobre da zona sul do Rio de Janeiro, a mostrar que esta é uma opção de nova moradia, sempre destacando a ironia no texto, em que os personagens conversam sobre viadutos como se referissem a casas, neste caso, a “casa” seria bem valorizada, pois se trata de um bairro de classe média alta.

Segue então a resposta: “Fui eu que inaugurei. Era uma habitação deliciosa, aliás duas, com vista panorâmica, banho de mar em frente, etc. Mas sabe o que aconteceu: estragaram aquilo, botaram jardins, espelhos d’água...” (ANDRADE, 1975. p. 19). O personagem, nesta passagem, se refere a Botafogo. Observa-se aqui a única vez em que há presença de um espaço híbrido no texto, como propõe Borges Filho (2007), composto por cenário, espaços criados pelo homem (viaduto) e natureza (jardim, espelho d’água).

Observa-se ainda a presença do conceito de topopatia proposto por Bachelard (1989). Topopatia é a relação sentimental existente entre personagem e espaço, pode ser dividida em topofilia e topofobia. Neste caso, o espaço antes era topofílico ao personagem, causava-lhe sensação boa, de felicidade, paz, aconchego e proteção; depois, com a intervenção do homem, que construiu no local jardins e espelho d’água, o espaço se tornou desagradável, desconfortável, passou a ser topofóbico ao personagem.

Mais uma vez reforça a ironia no texto, quando o personagem fala do viaduto como se referisse a uma mansão própria, uma propriedade super valorizada, uma vez que imóveis com vista panorâmica e de frente para o mar no Rio de Janeiro assumem status de classe média alta e bem valorizados.

O viaduto aqui e em todo o texto, como já dito, tem valor de casa. Essa concepção da casa foi proposta por Bachelard (1989); segundo ele, “todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, 1989, p. 25). É ali, embaixo de um viaduto que esses personagens vivem, constroem seu cotidiano, organizam seus objetos, suas tarefas e manias. O que chega a soar um tanto contraditório, pois a casa para os personagens, o local de aconchego e proteção para eles é a rua, lugar de desproteção para a maioria. Mas quando a rua se torna casa, assume as características e funções desta.

Cabe acrescentar aqui que, em muitos casos, a rua aparece como rota de fuga de ambientes domésticos não afetivos, nesse texto é lugar de acolhimento e, a despeito de ser um espaço de desproteção, há entre os moradores de rua uma espécie de acordo não assinado, segundo o qual uns protegem aos outros, formando então uma “família” das ruas.

No texto há citações em que se percebe o uso subversivo do espaço pelos personagens, isso acontece porque para eles é natural usar o espaço da rua, do viaduto, como se estivessem em suas casas próprias, porque de fato esses locais são mesmo suas moradias. Para nós, que moramos em casas, soa estranho o modo como esses personagens usam o espaço público.

- Espelho d’água, vá lá, serve para a toaleta. Mas o jardim...
- Jardim não é bom para secar a roupa?
- Em tese. Mas há sempre um guarda querendo defender as plantas, implicando com os moradores.” (ANDRADE, 1975. p. 19).

O espelho d’água no viaduto é usado para higiene pessoal, demonstrando características do personagem, como a simplicidade, a ignorância, a ponto de se banhar, lavar o rosto num local que serve apenas para apreciação e que precisa ser preservado com água limpa. Também o uso indevido do jardim para secar roupa e não para ratificar a importância da implantação de áreas verdes na cidade, melhorando a qualidade do ar e a qualidade de vida da população. Mas, o morador do viaduto lança mão do que pode para ter o mínimo de comodidade possível e, se para ele há espelho d’água, então que seja usado para toaleta, já que ele não dispõe de banheiro com chuveiro e pia em sua “casa”; se há jardim então que seja para secar a roupa, pois em sua “casa” (viaduto) não há varais disponíveis.

Além disso, há o desconforto causado pelos guardas, que estão ali para atrapalhar, perturbar a paz e o sossego dos moradores, bem como a administração municipal, instalando jardins e espelhos d’água. Aliás, na rua o guarda pode ser a representação de um tipo de figura paterna, que pune e mantém a ordem no lar, o lar que seria o viaduto para esses personagens moradores de rua. Com o guarda estaria completada a imagem da família, configurando a figura paterna e materna. O guarda é aquele que implica com os moradores, assim como os pais também implicam com os filhos.

É possível identificar em vários momentos os personagens discutindo sobre a condição dos viadutos. Estão lotados, dificultando a convivência e a organização do local em que vivem, sendo para os personagens, suas casas, sua zona de conforto, com a superlotação deixa de ser, mais uma vez os conceitos de topofilia e topofobia podem se empregados.

- Os viadutos estão difíceis.
- É, ouço dizer. Mesmo havendo tantos por aí?
- Todos lotados. Dizem que onde cabem três cabe mais um. Eu discordo. [...] E os viadutos tornam-se inabitáveis, ficam iguaizinhos aos edifícios, o que, francamente, caro colega, não é vantagem. (ANDRADE, 1975. p. 19-20)

Nota-se que um dos personagens acredita que, assim, os viadutos ficarão como os edifícios, como se estes fossem moradias inferiores aos que eles ocupam; o viaduto, neste caso, é um local muito maior, melhor e bem estruturado, em que reina a paz e a ordem. A ojeriza do personagem em relação a uma casa pode ser aí representada, afinal, na medida em que os viadutos ficam parecidos com os edifícios, tornam-se inabitáveis. Tem-se a concepção de que morar na rua não é, em muitos casos, uma imposição, mas uma opção.

Mais adiante no texto um dos personagens cita um colega com quem divide a moradia, o Vai-por-Mim: “Não tenho queixa dele. Só que anda com mania de jogar na Bolsa, nosso

viaduto está cheio de balancetes, prospectos, gráficos. Tenho medo que ele fique rico, daí a pouco começa a botar banca” (ANDRADE, 1975. p. 20). Observa-se aqui a caracterização do espaço que, na verdade, é um reflexo do personagem, já que está com a mania de investimentos econômicos, o local em que vive está cheio de documentos como gráficos e balancetes. O personagem é caracterizado como alguém que tem meios para investir na Bolsa de Valores, ao passo que, na verdade, é um simples morador de rua, desprovido de renda financeira para tal atividade. A possibilidade de investir na bolsa insere o personagem num contexto social mais amplo. É uma ação que o torna membro de uma humanidade, igual aos ricos. Se é igual no que tange ao aspecto econômico, assemelha-se no âmbito dos sentimentos.

Também neste trecho é possível perceber que a espacialização do texto, como propõe Osman Lins (1976), se faz de forma reflexa, ou seja, os espaços são percebidos através dos personagens, dando um efeito predominante de subjetividade à descrição, sob o ponto de vista dos mesmos, suas opiniões são expostas, assim como suas ações para tentar melhorar uma determinada situação que aparece em função da realidade momentânea do espaço.

A espacialização no texto se faz ainda de forma moderada, contendo indicações mínimas dos espaços, estes não são descritos com abundância de detalhes, apenas são citados como viadutos. A espacialização é também panorâmica, já que o texto dá indicações gerais de objetos e características destes locais, jardim, espelho d’água, confortável, habitação deliciosa, vista panorâmica etc., sem mais detalhes.

No desfecho do texto há uma crítica explícita, quando é citado novamente o personagem Vai-por-Mim como um ganancioso, que quer tirar proveito de uma situação.

- Ele sonha em descobrir jazida de tório em Japeri, para fundar o Banco Nacional de Habitação em Viadutos, Pontes e Congêneres. Não deu sorte na Loteca, hoje diz que o plá é investir. Eu preveni a ele: Ficando rico, a primeira coisa que vai fazer é cobrar aluguel nos viadutos.
- Os viadutos são do Estado.
- E daí? Até o Estado perceber, ele já dobrou a fortuna. O colega desculpe, mas isso é safanagem. (ANDRADE, 1975. p. 20)

Aliás, o nome do personagem é, neste caso, um indicador da prepotência e ganância, uma referência ao modo de se comportar deste, alguém que aponta uma sugestão e quer convencer os outros de que sua ideia é melhor e a solução para os problemas, tentando, sempre tirar vantagem disso. Neste caso, o personagem se torna figura típica e assume no texto a representação da exploração de uns pelos outros, praticada nas sociedades capitalistas. Aqui há uma crítica ao capitalismo, por meio da postura do personagem. Não nos esqueçamos que a formulação de figuras típicas em um texto o insere no universo das produções literárias.

Retomando as funções do espaço na narrativa, propostas por Borges Filho (2007), outra função percebida no texto, através deste trecho, é a de o espaço influenciar os personagens e também sofrer suas ações. Já que a situação é morar num viaduto, que haja proveito disso, formando uma instituição para organizar as moradias de rua e cobrar aluguel dos moradores, uma maneira de organizar os locais, como se fosse um grande condomínio, o que, na prática, não deixa de ser. Há aqui a degeneração de um espaço que, por si só, já é degenerado. Além das atrocidades de viver na rua, onde os entes se igualam pelos mesmos propósitos, têm que conviver com um modelo de sociedade capitalista, da qual esses moradores, implicitamente, buscaram fugir.

Há neste trecho ainda a função espacial de representar os sentimentos vividos pelos personagens, nota-se que os mesmos estão insatisfeitos com os locais onde vivem, reclamam

da modificação dos espaços dos viadutos, pois estão lotados e isso leva à ausência de sossego e à desorganização.

Aqui o escritor lança mão de um neologismo, “safanagem” talvez uma mistura de safadeza com sacanagem, uma ênfase na linguagem popular presente em todo o texto, no dialeto que vem das ruas. Usa até mesmo a expressão “plá”, gíria, ou seja, o auge, o bom, o plá é investir. Já que se trata de moradores de rua, então que seja um dialeto coloquial ou próprio dessas pessoas, aos quais não caberia uma linguagem mais rebuscada.

No desfecho do texto há a ironia ainda mais explícita.

– A idéia me parece aproveitável. A socialização dos viadutos, uma cadeia nacional de Hilton dos homens e mulheres independentes... Viadutos bem funcionais, o abrigo ao alcance de todos... Um problema social que se resolve... (ANDRADE, 1975. p. 21)

Nota-se que o personagem cita que os viadutos podem se transformar numa cadeia nacional de Hilton, referindo-se a uma grande rede internacional de hotéis. Enxerga a possibilidade de haver uma rede internacional de viadutos, organizada e ao alcance de todos. Mais uma vez o viaduto com valor de casa, há a impressão de que o personagem fala de um programa social de moradias em que as pessoas serão beneficiadas. Além disso, percebe-se aqui, que o personagem adquiriu em face dos viadutos um sentimento de adesão profundo. Há simpatia, o viaduto já lhe traz à mente a imagem de um hotel de luxo.

Escrito dessa maneira, é como se, cobrando aluguel e organizando inquilinos sob os viadutos, o problema social que é a falta de moradia, a desigualdade, fosse se resolver. Ao contrário, fazendo isso o problema seria intensificado. Há aqui um exemplo claro da ficção literária que se apropria de um problema real para ironizar o descaso com que este é tratado na sociedade capitalista, como se morar debaixo de um viaduto fosse normal e digno, ao passo que não o é. Dignidade é ter uma casa decente para se abrigar, resolver o problema é presenciar o cidadão com condições de pagar as contas, com direito à saúde, educação, segurança e moradia.

A grande ironia aqui aponta para a ruptura da igualdade de oportunidades sociais, por meio da rua e, nesta, do viaduto. Porque a vida embaixo do viaduto é ruim para a sociedade comum, mas para esses personagens moradores não, ao contrário, é normal, pois foi o espaço que a vida lhes deixou.

3. Considerações finais

A crônica *Viadutos* de Drummond é um típico exemplo dessa espécie narrativa, um recorte do cotidiano, a exposição de um problema social por meio da ficção, permitindo através da linguagem coloquial da crônica a crítica e a ironia. Mas é preciso ressaltar que Drummond, mesmo escrevendo prosa lança mão da poeticidade que lhe é costumeira, uma virtude que transforma seu texto em jornalístico e literário ao mesmo tempo. Assim como observa Sá (1985): “Em todos os cronistas há um certo lirismo, pois é através dos seus estados de alma que eles observam o que se passa nas ruas” (SÁ, 1985, p. 57).

É como se o escritor utilizasse sua sensibilidade de poeta para observar o cotidiano duro, trágico e real, transpondo para o papel a situação encontrada de forma tão subjetiva e clara que permitisse levar o leitor à reflexão. Está aí a diferença entre a sutileza da crônica e a rigidez de uma notícia, o texto é diferente, a leitura é diferente, mesmo que ambos se encontrem no mesmo suporte, no jornal.

Analisar o espaço nesse texto é analisar o texto, pois aquele é o elemento norteador deste. Trabalhar com a crônica Drummondiana é uma experiência enriquecedora e, o mais impressionante, é ler um problema real e local em anos depois e perceber que este ainda é contemporâneo e universal, pois está presente no cotidiano atual e da maioria dos brasileiros, os problemas sociais que produziram, a figura do morador de rua ainda não foram sanados em nossa sociedade.

Num texto em que o espaço está presente desde o título, as funções aparecem claramente, é quase possível dizer que os personagens são usados como coadjuvantes em função de um cenário principal, o espaço, aqui representado pelos viadutos do Rio de Janeiro. É a partir desse cenário que se tece a crítica de todo o texto. É através das indicações do espaço pelos personagens que aparecem os efeitos de sentido que o texto pretende atingir, principalmente a ironia.

Nota-se ainda que um aspecto que perpassa toda a crônica é a afetividade, tanto entre os personagens quanto entre estes e o espaço, por isso pode ser considerada como protagonista. Existe ali, naqueles viadutos, um espaço pacífico que deve ser mantido. Nem mesmo a ação do guarda que impede o uso do espelho d'água e do jardim seria capaz de comprometer a união entre os membros do grupo. A grande preocupação é com a possibilidade de haver uma ruptura entre eles, essa ruptura somente ocorreria por ação de um personagem poder agir nos moldes dos capitalistas, cobrando aluguel ou transformando o viaduto num condomínio.

Portanto, o grande antagonista aqui é o capitalismo, aquele contra o qual Drummond formula toda sua ironia, o capitalismo e o sistema de injustiça social que este fomenta lutam contra o protagonista, a afetividade existente entre os moradores dos Viadutos. Percepção de poeta ou seria de cronista?

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poema de sete faces. In.: **Antologia Poética**. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 3.

_____. Viadutos. In.: **De notícias e não notícias faz-se a crônica: histórias diálogos e divagações**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. p. 19-21.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura: introdução à topoanálise**. Franca, São Paulo: Ribeirão, 2007.

CLARK, Herbert H. **Space, time, semantics and the child**. New York: Academic, 1973.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. Série Princípios. 2.ed. São Paulo: Ática, 1985.

ANEXO

Viadutos (Carlos Drummond de Andrade)

- Endereço do colega?
- Viaduto São Sebastião, pilastra n.º 4, lado esquerdo, na Presidente Vargas. Apareça por lá.
- Ótimo. Vou aparecer, mas agora não. Estou de mudança.
- Se não for indiscrição, pode-se saber para onde?
- Não sei ainda. Moro no viaduto de Japeri, aliás muito confortável, mas compreende, né? Um pouco longe. Procuo um na cidade.
- Já experimentou Botafogo?
- Fui eu que inaugurei. Era uma habitação deliciosa, aliás duas, com vista panorâmica, banho de mar em frente, etc. Mas sabe o que aconteceu: estragaram aquilo, botaram jardins, espelhos d'água...
- É. Estão sempre atrapalhando.
- Espelho d'água, vá lá, serve para a toaleta. Mas o jardim...
- Jardim não é bom para secar a roupa?
- Em tese. Mas há sempre um guarda querendo defender as plantas, implicando com os moradores.
- Tem razão. Na vida, o essencial é paz.
- Também acho. Folgo em saber que estamos de acordo neste ponto fundamental. Mas, sabe? Os viadutos estão difíceis.
- É, ouço dizer. Mesmo havendo tantos por aí?
- Todos lotados. Dizem que onde cabem três cabe mais um. Eu discordo. Por essa teoria, onde cabem 20, 50, mil, cabe sempre mais um. E os viadutos tornam-se inabitáveis, ficam iguaizinhos aos edifícios, o que, francamente, caro colega, não é vantagem.
- Vejo que o amigo aprecia a solidão.
- Solidão a dois, a três, eu aprecio, quando os colegas sabem viver em comunidade. A gente não está nem sozinha nem com multidão. Equilibrado. Cada um cuida de si, e reina ordem no viaduto. O que eu não suporto é viaduto desorganizado. Sou muito exigente neste particular.
- Estou vendo que lá em Japeri o senhor deve ser uma espécie de síndico.
- Que síndico? Quem falou em síndico? Nós três nos autogovernamos. Eu, que atendo por Quilo-e-Meio, seu criado (não cheguei a crescer muito, em todo caso não me chamam de Meio-Quilo), o Vai-por-Mim e a Marlene Garbo.
- Por que Marlene Garbo? Não é acumulação?
- Por que ela tem as pernas de Marlene Dietrich e o jeito da Greta Garbo. A combinação é genial, sabe? Tem vezes que a gente chama ela de Margá. Santa mulher. Já teve os tubos, viajou por aí, não guardou nem pinta de grã-finagem.
- E o Vai-por-Mim?
- Não tenho queixa dele. Só que anda com mania de jogar na Bolsa, nosso viaduto está cheio de balancetes, prospectos, gráficos. Tenho medo que ele fique rico, daí a pouco começa a botar banca.
- Dê uns conselhos ao Vai-por-Mim.
- Dei. Ele sonha em descobrir jazida de tório em Japeri, para fundar o Banco Nacional de Habitação em Viadutos, Pontes e Congêneres. Não deu sorte na Loteca, hoje diz que o plá é investir. Eu preveni a ele: Ficando rico, a primeira coisa que vai fazer é cobrar aluguel nos viadutos.
- Os viadutos são do Estado.

- E daí? Até o Estado perceber, ele já dobrou a fortuna. O colega desculpe, mas isso é safanagem.
- Diga ao Vai-por-Mim que apareça aqui no São Sebastião, para batermos um papo.
- Vai tirar essas minhocas da cabeça dele?
- Não sei... A idéia me parece aproveitável. A socialização dos viadutos, uma cadeia nacional de Hilton dos homens e mulheres independentes... Viadutos bem funcionais, o abrigo ao alcance de todos... Um problema social que se resolve...
- Sem essa! Eu a querer salvar o Vai-por-Mim, e o colega pensando em tirar partido da loucura dele! Acabando com a paz, a relativa paz que ainda se goza nos viadutos! Não conte comigo e passe muito mal, traidor!